

CURSO DE PEDAGOGIA: HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

Inês Ferreira de Souza Bragança

Faculdade de Formação de Professores da UERJ
Universidade Estácio de Sá.

inesbraganca@uol.com.br

Resumo

Trazemos, no presente artigo, reflexões a partir das duas primeiras etapas da pesquisa *Curso de Pedagogia no Rio de Janeiro após Diretrizes Curriculares Nacionais: Políticas de Conhecimento e Formação*. Partindo da centralidade da Graduação em Pedagogia, na trajetória de formação de professores/as para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a pesquisa envolve diferentes dimensões, espaços e tempos. Como etapa introdutória e de contextualização, levantamos, em 2008, o perfil dos ingressantes no Curso, nas unidades de São Gonçalo e Niterói da Universidade Estácio de Sá. A partir desse estudo inicial, a continuidade, em 2009, foi se delineando no sentido de olhar os processos capilares de formação, por meio do acompanhamento, ao longo de toda graduação, de um grupo de estudantes de São Gonçalo que participaram do levantamento do perfil realizado em 2008. A proposta é desenvolvida por meio de *Seminários de Histórias de Vida e Formação*, tendo como objetivo acompanhar a trajetória de formação dos participantes, ao longo do Curso, focalizando, assim, as potencialidades da graduação em Pedagogia e da experiência narrativa nos movimentos de formação e reconstrução identitária docente.

Palavras-chave: Curso de Pedagogia; história de vida; formação de professores(as).

PEDAGOGY COURSE: LIFE HISTORY AND FORMATION OF TEACHERS

Abstract

In the present article we bring out reflections taken from the two first stages of the research on *Curso de Pedagogia no Rio de Janeiro após Diretrizes Curriculares Nacionais: Políticas de Conhecimento e Formação (The Pedagogy Course in Rio de Janeiro after the National Curricular Guidelines: Knowledge and Formation Policies)*. Starting from the centrality of Graduation in Pedagogy, considering the formation of teachers' trajectory, the research covers different dimensions, spaces and time. In 2008, as an introductory stage and for its contextualization, we analyzed the profile of the entry students in the Pedagogy Course at São Gonçalo and Niteroi campi of Estácio de Sá University. From this initial study, its continuity in 2009 was outlined in a sense of looking the capillary process of formation, through monitoring, throughout the entire graduation course of a group of students from São Gonçalo campus that took part in this profile survey. From the theoretical-methodological point of view, we found on the (auto)biographical approach the possibility of emphasis on the formative trajectory, and the proposal is developed in *Seminários de Histórias de Vida e Formação (Life History and Formation Seminars)* aiming to follow the participant formation trajectory throughout the Course, thus focusing on graduation potentialities in Pedagogy as well as on narrative experiences in the movement of formation and identity reconstruction of teacher.

Keywords: Pedagogy Course. Life History. Formation of Teacher.

Introdução

Todo texto tem uma história para contar; suas motivações, intenções e caminhos falam da trajetória pessoal-acadêmica do/a pesquisador/a. Nesse sentido, concordo e tomo como referência a afirmação de Santos (2000) de que “todo conhecimento é autoconhecimento”. Em 2008 estava concluindo a tese de doutoramento quando fui convidada a pensar em uma nova proposta de investigação, tendo em vista um Projeto de Iniciação Científica para alunos/as do Curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá, do Campus São Gonçalo, e, naquele momento, registrei a seguinte reflexão:

O convite para escrever um projeto de pesquisa de Iniciação Científica para o Curso de Pedagogia da UNESA me mobilizou, trazendo intensas reflexões. Ainda faço a revisão da tese de doutoramento e me vejo frente à possibilidade de construir um “novo” projeto de pesquisa. Se movimentos capilares vêm, desde o final de 2007, tentando abrir pistas de um novo momento existencial, agora são as demandas da vida acadêmica que, antecipadamente, já me laçam no futuro. Como o anjo da história de Paul Klee (Benjamin, 1993), ainda vivo o passado-presente da tese, mas sou compelida ao presente-futuro de uma pesquisa que se desdobra como reconstrução permanente do conhecimento e da existência.ⁱ (Bragança, 2009)

Foi assim que antes mesmo de concluir a tese iniciei uma “nova” proposta de investigação desenvolvida nos anos de 2008-2009 e, ainda em curso, contando com a participação de alunos/as da graduação. O exercício de reinvenção da pesquisa me levou ao reencontro com a “origem”ⁱⁱ e nela o olhar dirigido ao Curso de Pedagogia como um dos espaços-tempos fundamentais da trajetória de vida e formação de professores/as dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no Brasil. Em recente trabalho de pesquisa, no diálogo entre as trajetórias de professoras brasileiras e portuguesas, encontrei um acontecimento biográfico comum: a graduação (no Brasil) e a licenciatura (em Portugal) como experiência instituinte de formação, potencializando diferentes formas de ser e estar na docência (Bragança, 2009).

Partindo, assim, da centralidade da Graduação em Pedagogia, na trajetória de formação de professores/as para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a proposta da pesquisa envolveu diferentes dimensões, espaços e tempos, destacando micro e macro políticas de conhecimento e formação. Como etapa introdutória e de contextualização, a pesquisa levantou, em 2008, o perfil dos ingressantes no Curso, nas unidades de São Gonçalo e Niterói. A investigação destacou, assim, as seguintes questões: o que busca, no Curso de Pedagogia, da Universidade Estácio de Sá, o estudante que

ingressou no ano de 2008, em São Gonçalo e Niterói? Qual o sentido atribuí, *a priori*, à formação proposta para a Graduação em Pedagogia? Como se delinea o perfil sócio-cultural e profissional desses alunos? Quais os caminhos de formação anteriormente percorridos?

O levantamento do perfil levou ao encontro de indícios e sinais que se restringem a uma pequena amostra; é possível, entretanto, com esses dados, tecer algumas reflexões e levantar outros questionamentos.

A partir desse estudo inicial, a continuidade da pesquisa, em 2009, foi se delineando no sentido de olhar os processos capilares de formação, por meio do acompanhamento, ao longo de toda graduação, de um grupo de alunos/os do Campus São Gonçalo que participaram do levantamento do perfil realizado em 2008. Nessa etapa, focalizamos a *formação*, no contexto do Curso de Pedagogia, especialmente quanto aos impactos do processo vivido no curso, na trajetória de vida/formação de um grupo de estudantes. Esse acompanhamento está proposto até o segundo semestre de 2011, com a conclusão da graduação pelos referidos alunos/as, e é desenvolvido por meio de *Seminários de Histórias de Vida e Formação*ⁱⁱⁱ, tendo como objetivo acompanhar a trajetória de formação dos participantes, ao longo do Curso, focalizando, assim, as potencialidades da graduação em Pedagogia e da experiência narrativa nos movimentos de formação e reconstrução identitária docente.

Trazemos, no presente artigo, reflexões a partir desses dois momentos da pesquisa. Inicialmente sinalizamos alguns lampejos sócio-históricos sobre o Curso de Pedagogia no Brasil que nos ajudam a perspectivar tensões vividas em âmbito nacional e no cotidiano do trabalho no Curso. A seguir, apresentamos dados do levantamento do perfil dos ingressantes e da experiência desenvolvida no âmbito do Seminário de Histórias de Vida e Formação.

Reflexões sócio-históricas

O Curso de Pedagogia, que tem sua fundação datada em 1939, no contexto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no Rio de Janeiro, surge confrontado com impasses relativos à identidade da formação proposta. Uma instituição multifacetada que visava tanto uma ampla formação cultural e científica, quanto a formação de professores e especialistas em educação. No contexto do regime militar, os Pareceres 251/62 e 252/69 criam as habilitações técnicas

em supervisão, administração, inspeção e orientação educacional para as escolas e sistemas escolares, consagrando a divisão entre os especialistas e os professores (Bragança, 2003).

O final dessa década de 1970, entretanto, vai apontando para as limitações do enfoque restritivo das políticas educacionais da ditadura militar e, gradativamente, com os movimentos sociais mais amplos, e a problemática educacional passa a ser analisada a partir de determinantes históricos e políticos que os condicionam. “Essa mudança expressa o movimento da sociedade brasileira na tentativa de superar o autoritarismo e de construção da redemocratização das relações sociais concretas” (ANFOPE, 2000). E, nesse ambiente de abertura democrática, registra-se a emergência do movimento dos educadores e estudantes, culminando com a fundação da “Associação Nacional pela Formação dos Profissionais de Educação” (ANFOPE), em 1990. Os debates construídos no interior dessa associação foram, então, sinalizando outros caminhos para a formação de professores, nomeadamente a elevação ao nível superior, no âmbito da graduação em Pedagogia, bem como a reorganização curricular, buscando a formação do professor e a formação do especialista no professor. Ou seja, uma perspectiva ampla que rompesse com as especializações técnicas postas na estrutura curricular do Curso de Pedagogia e impostas às escolas como divisão do fazer educativo (Bragança, 2003).

Observa-se, ao longo da década de 1980, o debate quanto à formação superior dos professores. As Universidades, então, realizaram reformulações curriculares para formar, no Curso de Pedagogia, os professores para atuar na Educação Pré-Escolar e nas séries iniciais. E, assim, foram várias as experiências de formação superior de professores, ocorrendo também o desdobramento de diversas habilitações em todo país, para além daquelas instituídas pela legislação (Tanuri, 2000, p. 82-84; BRASIL, 2005).

A década de 1990 colocou, dessa forma, em debate, a formação de professores, registrando-se o embate de projetos distintos de sociedade que revelavam diferentes concepções de mundo, de homem, de professor, de pedagogo. E, após longa caminhada, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (BRASIL, 1996), que, quanto à formação de professores, propõe a elevação ao nível superior, criando, entretanto, um novo *locus*: os Institutos Superiores de Educação.

Os debates continuaram e, considerando as proposições da LDB, bem como as demandas da sociedade e dos movimentos organizados, em 2003, foi instituída uma comissão para definir as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia e, em maio de 2006, foi, então, emitida resolução que institui “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura” (BRASIL, 2006). A referida resolução, hoje em vigor,

determina que o Curso de Pedagogia destina-se à formação de professores para “exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”, destacando que as atividades docentes incluem a “participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino”, em âmbito escolar e não escolar (Art. 4º, BRASIL, 2006).

Observamos, dessa forma, um longo processo que culminou com o encontro entre muitas das reivindicações do movimento dos educadores, que remonta aos anos de 1980 e às definições, propostas pelas diretrizes, em uma compreensão ampliada da docência, integrando o fazer educativo à gestão educacional. Verifica-se, assim, nesse período intenso de ebulições da política de formação de professores, a afirmação do Curso de Pedagogia, em todo Brasil.

No ano 2000, quando iniciei a trajetória docente no Curso de Pedagogia, estávamos vivendo o período após LDB (BRASIL, 1996) e um grande número de professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental começou a buscar o Curso para atender à indicação de formação superior colocada na legislação. Na Universidade Estácio de Sá, as turmas de primeiro período se multiplicavam a cada semestre, novas unidades abriram o curso, grande contratação de professores e indicação de novos coordenadores. Crescimento da demanda pela graduação em Pedagogia no Rio de Janeiro e em todo Brasil. Ao mesmo tempo que crescia a demanda, o Curso passou por um movimento tenso e intenso de alterações curriculares até a publicação das Diretrizes Curriculares, em maio de 2006.

Gradativamente, ao longo dos últimos anos, fomos (professores, coordenadores e alunos) vivendo e acompanhando os movimentos da política educacional e muitas modificações curriculares. Ao mesmo tempo, que o Curso foi se modificando, observamos, também, a mudança de perfil de nossos alunos/as - ao lado de algumas professoras com grande experiência docente. Verificamos o crescimento de outros grupos compostos por professoras iniciantes, por alunos que não estudaram em Escola Normal e buscam, na graduação em Pedagogia, espaço para formação inicial e, ainda, muitos que têm no Curso um espaço-tempo de passagem. Ou seja, desejam ter uma formação superior e, por diferentes motivos, veem na Pedagogia uma possibilidade de entrada neste nível de ensino.

Consideramos que o estudo do perfil dos estudantes pode trazer inícios significativos a respeito das novas configurações que se delineiam no próprio Curso, além de indicar possibilidades de análise das mediações entre esse perfil e a trajetória das políticas educacionais para a formação inicial de professores e a necessária

reconstrução cotidiana da prática de formação que se dá no dia-a-dia de nosso trabalho.

Um olhar dirigido ao perfil dos estudantes de São Gonçalo e Niterói

Tomando como referência uma perspectiva qualitativa de investigação, especialmente entendida enquanto *investigação-formação*, o desenvolvimento do trabalho contou com a participação efetiva das alunas-pesquisadoras do *Campus* São Gonçalo e se desenvolveu em diálogo com os demais professores. Nesse sentido, valorizamos a experiência da pesquisa não apenas pelos conhecimentos sistematizados, pelos indícios e sinais que desejamos potentes para o necessário pensar e repensar de nossa prática cotidiana no Curso, mas, especialmente, pela oportunidade de afirmar a pesquisa como espaço/tempo fundamental de formação para estudantes e professores/as do Curso de Pedagogia.

Na primeira etapa da pesquisa focalizamos o eixo relativo ao perfil do aluno nas unidades São Gonçalo e Niterói, ingressantes do primeiro e segundo semestres de 2008. O desenvolvimento do trabalho envolveu diversos desdobramentos: 1) encontros periódicos com as alunas-pesquisadoras participantes da pesquisa para discussão do projeto, elaboração e revisão questionário e análise de dados; 2) elaboração, pela professora, de um roteiro para tabulação dos dados, no 1º e no 2º semestres; 3) tabulação e análise de dados realizada, individualmente, por cada aluna-pesquisadora; 4) discussão coletiva, em que cada aluna-pesquisadora apresentou a tabulação de dados de um determinado número de questionários; e 5) sistematização da análise de dados pela professora, bem como produção de relatório parcial e final.

A apresentação dessas etapas do trabalho desenvolvido nos faz perceber o entrelaçamento entre diferentes dimensões metodológicas. A primeira que constituiu a elaboração/aplicação dos questionários e, posteriormente, a análise de dados, marcando a escolha de um caminho para o levantamento com o maior número de alunos possível. E a segunda dimensão que se coloca na centralidade do diálogo e da construção partilhada da pesquisa e do conhecimento entre a professora e as alunas-pesquisadoras. Dimensão esta que nos permitiu vivenciar a experiência da pesquisa como devir, como construção permanente, em idas e vindas que aos poucos foram indicando sentidos e diferentes possibilidades de leitura.

Tendo em vista a composição de um painel mais ampliado, articulamos os dados coletados no 1º e no 2º semestre, a partir de noventa e nove questionários respondidos, nas duas unidades onde desenvolvemos o trabalho.^{iv} Trabalhamos com três dimensões do perfil que buscamos apresentar: 1ª) “Quem é você?”; 2ª) “Sua formação acadêmica”; e 3ª) “Sua formação profissional”. Tomando como referência o instrumento utilizado pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), as questões que envolvem a primeira dimensão nos remetem ao perfil pessoal e sócio-econômico-cultural dos alunos da graduação em Pedagogia.

Nos dados coletados, observamos que 69% dos alunos nasceram no Estado do Rio de Janeiro. A maioria reside no Município onde se localiza o Campus em que estudam, sendo o acesso um elemento facilitador do ingresso à Universidade. A faixa etária dos estudantes, que se concentra entre 26 a 30 anos e 31 a 40 anos, representa 54% do total da amostra e a faixa entre 17 a 20 e 21 a 25 anos, 35%. Assim, observamos que, no grupo pesquisado, o/a aluno/a do Curso de Pedagogia é um jovem adulto, diferenciando-se do perfil do adolescente que saiu recentemente do Ensino Médio. O grupo é composto, de forma preponderante, pelo sexo feminino que corresponde a 93% da amostra; quanto ao estado civil, 63% solteiros. Observamos ainda que 50% se declararam negros e pardos, 47% brancos e 3% não responderam.

A caracterização sócio-econômica indica que a renda familiar se posiciona na faixa de um a três salários mínimos para 51% e entre quatro e seis salários mínimos para 31%^v. Registra-se que 56% das famílias contribuem financeiramente para o sustento dos graduandos.

No que diz respeito ao perfil sócio-cultural, observamos algumas respostas sobre o relato de pessoas que tiveram uma trajetória de muitas dificuldades financeiras, tiveram origem em famílias com pouca renda mensal e estudaram em colégios públicos. Constatamos que a falta de recursos financeiros é a principal causa de interrupção dos estudos, outro ponto importante é o casamento e a maternidade. (Paz; Mendes, 2008, p. 2)

A trajetória de formação acadêmica foi outro aspecto destacado pela pesquisa. Do total dos questionários respondidos, 41% dos alunos fizeram Formação Geral, 39% alunos o Curso Normal, 15% Curso Técnico e 5% não responderam.

A grande maioria fez o curso em três/quatro anos, tendo concluído antes de 2004, dado que indica o fato de que, para esse grupo, houve um tempo de interrupção entre o término do Ensino Médio e o início da Graduação e/ou outras interrupções ao longo da trajetória escolar.

Apenas 13% dos participantes fazem a segunda graduação, sendo a Pedagogia o primeiro Curso Superior para 87% dos respondentes. Observamos que 60% dos alunos não têm nenhum tipo de bolsa para realização do Curso. Um número significativo, 48% dos alunos, precisou interromper a escolaridade em alguma etapa da trajetória escolar, sendo os seguintes motivos destacados como fatores preponderantes: dificuldades financeiras, casamento e gravidez, desemprego, não identificação com o curso, repetência.

Em relação aos dados coletados no primeiro semestre, as alunas pesquisadoras observaram que “a maioria começou o Ensino Fundamental na escola pública e terminou o Ensino Médio na escola particular” (Paz; Mendes, 2008). Os dados do segundo semestre indicam que 50% dos entrevistados cursaram todo Ensino Fundamental e 71% todo o Ensino Médio na escola pública, que prepondera, assim, na formação acadêmica dos alunos participantes.

Visando a caracterizar a escolarização da família, encontramos, no segundo semestre, o seguinte painel:

Escolaridade dos pais	Percentual
A Nenhuma escolaridade	6%
B Ensino fundamental: de 1 ^a à 4 ^a série	33%
C Ensino fundamental: de 5 ^a à 8 ^a série	31%
D Ensino médio	26%
E Ensino superior	4%

Quadro 1: Escolarização dos pais

Escolaridade das mães	Percentual
A Nenhuma escolaridade	4%
B Ensino fundamental: de 1 ^a à 4 ^a série	33%
C Ensino fundamental: de 5 ^a à 8 ^a série	19%
D Ensino médio	29%
E Ensino superior	15%

Quadro 2: Escolarização das mães

Os quadros são significativos, pois indicam que nossos alunos do Curso de Pedagogia representam, em muitos casos, a primeira geração de suas famílias que teve acesso ao Ensino Superior. Como

observamos, apenas 4% dos pais e 15% das mães cursaram esse nível de escolaridade, havendo, em contrapartida, um grande percentual que cursou apenas o Ensino Fundamental, 64% dos pais e 52% das mães.

Na terceira dimensão, focalizamos a trajetória profissional, a escolha do Curso de Pedagogia e suas contribuições. Um total de 65% dos participantes exerce atividade profissional e 35% apenas estuda; 47% já tiveram experiência profissional em educação escolar, principalmente como professoras/es de escolas particulares.

A escolha do Curso vem, especialmente, por já atuarem com educação, por visarem maior conhecimento e pela busca de uma educação melhor.

Ao analisarmos as respostas dos alunos do 1º período da Universidade Estácio de Sá, matriculados no campus São Gonçalo e Niterói, verificamos que o objetivo principal dos alunos é adquirir melhores condições na área profissional, novos conhecimentos para ampliar sua prática educativa na sala de aula; existe uma preocupação geral com a didática que eles desenvolvem nas escolas, pensam em compartilhar seus novos conhecimentos no trabalho como professora e/ou coordenação da escola, estão buscando também uma valorização da vida (PAZ; MENDES, 2008, p. 1)

Observamos que, para a maioria dos respondentes, o Curso de Pedagogia está possibilitando desenvolver reflexões sobre a prática pedagógica, tendo destaque o desenvolvimento de um olhar crítico e a contribuição de um conhecimento abrangente. As principais expectativas frente ao Curso citadas foram: qualificação, capacitação profissional, conhecimento amplo.

Percebemos que esses alunos estão numa fase de desenvolvimento pessoal e profissional, estão buscando seu crescimento através da formação superior. Como o maior número dos alunos entrevistados já trabalha na área de educação, a graduação em Pedagogia faz-se uma importante ferramenta para atingir suas metas. Verificamos, também, que o papel de professor tem um peso principal na vida desses alunos, pois não é somente uma questão de ascensão profissional, é muito mais uma questão de mudança de atitude, pois envolve o desejo de ajudar na educação do país, contribuir para melhorar o aprendizado das crianças e ensinar o verdadeiro sentido de cidadania (PAZ; MENDES, 2008, p. 1)

Entretanto, a análise dos questionários nos permitiu perceber que muitos dos respondentes vivem situações de desvalorização profissional, por não possuírem um diploma de ensino superior e, dessa forma, entraram na faculdade com objetivo de ter um diploma de nível superior, sem maiores definições da área que iriam atuar, escolhendo, assim, o curso mais barato.

Quanto às expectativas em relação às possibilidades profissionais e acadêmicas após a conclusão do Curso, os principais aspectos destacados foram: trabalhar com ações ligadas a educação em diferentes espaços sociais; contribuir na educação das crianças; tornar-se um profissional com capacidade de identificar; e desenvolver as habilidades de outras pessoas; ampliar os próprios conhecimentos culturais; abrir escola e conseguir uma ascensão na carreira, oportunidade de emprego e crescimento profissional; fazer concurso público; e trabalhar com Pedagogia Empresarial.

As alunas-pesquisadoras Flávia Pergameni e Lidiane Tracera destacaram, em seus relatórios de pesquisa, a percepção de um olhar mais amplo para a Pedagogia, para além de sua dimensão escolar.

Veem a Pedagogia com outro olhar que ultrapassa o âmbito escolar. Com essa amplitude da Pedagogia, grande parte dos alunos que cursam a graduação busca outras dimensões de atuação profissional. Devido a isso, a grande maioria dos alunos não trabalha na área educacional, embora cerca da metade dos alunos tenham feito o Curso Normal. Portanto, o perfil do aluno de Pedagogia se modificou da mesma forma que o curso, trazendo para área de Pedagogia não apenas professores, mas pessoas que buscam, através da Pedagogia, levar as concepções pedagógicas para outras áreas, não ficando presas no âmbito escolar (PERGAMENI; TRACERA, 2008, p. 1)

As referências encontradas constituem, para nós, apenas indícios e sinais, restringem-se a uma pequena amostra situada em duas unidades do Curso de Pedagogia de uma instituição privada. Podemos, entretanto, a partir dela, tecer algumas reflexões e levantar outros questionamentos. No grupo pesquisado, encontramos um/a aluno/a jovem-adulto/a das camadas populares da sociedade brasileira que representa uma geração que está tendo maior possibilidade de acesso ao Ensino Superior. Um/a aluno/a que vem, em sua maioria, da escola pública, que trabalha e que busca, no Curso de Pedagogia, maior qualificação e conhecimento, visando a sua inserção profissional no campo educativo, mas também em outras áreas para as quais a graduação é sempre desejável enquanto possibilidade de ascensão pessoal-profissional. A formação superior se coloca, assim, como caminho de construção de conhecimento e como possibilidade profissional. Há, no grupo pesquisado, um maior

número que fez Formação Geral ou Técnica do que Curso Normal, o que vai confirmando a afirmação da graduação em Pedagogia como *locus* da formação inicial de professores. Para os participantes da pesquisa que já atuam como docentes, o Curso de Pedagogia vem se colocando como um espaço importante de reflexão sobre a prática.

Situamos o perfil traçado como etapa introdutória e de contextualização da pesquisa. No segundo momento, iniciamos o acompanhamento, ao longo de toda graduação, um grupo de alunas da unidade de São Gonçalo que participaram do levantamento. O acompanhamento se dá por meio de encontros sistemáticos a cada semestre, bem como pela realização de entrevistas biográficas. Com esses movimentos, buscamos estabelecer uma aproximação mais efetiva da trajetória de vida e formação de nossos alunos, perseguindo sentidos da formação acadêmica vivida no Curso de Pedagogia.

Seminários de História de Vida e Formação

Insistindo na importância do Curso para a formação de professores/as, destacamos as seguintes indagações: qual o potencial da formação no Curso de Pedagogia na produção da identidade profissional do/as professores/as dos primeiros anos do Ensino Fundamental? Quais os processos constituem a complexa rede que envolve formação e reconstrução identitária? O trabalho com as histórias de vida pode potencializar processos de formação de professores/as e contribuir na busca de uma racionalidade mais humana, sensível e partilhada? As questões apresentadas apontaram para a perspectiva de investigação-formação, por meio de *Seminários de Histórias de Vida e Formação*^{vi}.

O desenvolvimento dessa etapa da pesquisa vem atravessado pela prática docente como professora do Curso. No primeiro semestre de 2008, conheci uma turma de primeiro período com a qual trabalhei ao longo de três semestres. Em um olhar geral dirigido à turma, no primeiro período, observei expectativas, ansiedades; nas rápidas apresentações, múltiplos sentidos da busca pelo Curso de Pedagogia, uma grande diversidade etária e de interesses. Jovens que acabaram de concluir o curso normal, professoras experientes buscando a primeira graduação e algumas chegando para conhecer o Curso. Uma turma participante e interessada; aos poucos fomos tecendo uma teia de saberes, experiências, relações pedagógicas e afetivas.^{vii}

Por meio do Programa de Iniciação Científica, propusemos os encontros de *pesquisa-formação* e foi essa a turma convidada para participar pela proximidade que já tínhamos estabelecido. O grupo

aceitou o desafio e fomos articulando experiências docentes vividas com a turma aos encontros específicos para o desenvolvimento da proposta de investigação. Com esses movimentos, buscamos estabelecer uma aproximação mais efetiva da trajetória de vida e formação de nossos/as alunos/as, perseguindo sentidos da formação acadêmica vivida no Curso de Pedagogia, bem como a potencialidade da narrativa nesse processo.

No *primeiro encontro* fizemos a apresentação do grupo, bem como um levantamento oral a respeito das motivações que as levaram ao Curso de Pedagogia. A seguir, apresentamos a proposta dos encontros de investigação-formação. Terminamos desenvolvendo a primeira etapa da dinâmica “*memória e imagens*”: espalhamos diferentes fotos e solicitamos que cada uma escolhesse aquela com a qual fizesse relação com as motivações que as levaram a fazer ao Curso. No *segundo encontro* tivemos um momento de socialização em que cada uma apresentou a imagem escolhida e o texto que foi desenvolvido.

No contexto das aulas de Pesquisa e Prática em Educação também vivemos uma experiência intensa – cada aluna escreveu sua “biografia educativa”. Biografia educativa é um conceito formulado por Pierre Dominicé nos anos de 1980. Tendo como referência a tradição das histórias de vida na perspectiva sociológica, o autor experimenta um enfoque centrado na narrativa de formação, diferenciando do que anteriormente foi realizado nas ciências humanas (Josso, 1991). Em “Learning from Our Lives: Using Educational Biographies with Adults” (2000), Dominicé relata a construção de seu caminho de investigação, que, partindo do trabalho sobre avaliação, encontra, na abordagem autobiográfica, uma forma de estudar o processo de aprendizagem dos adultos (Bragança, 2009).

Segundo esse autor, a biografia educativa não é uma autobiografia completa como a história de vida, mas é o relato das experiências que, ao longo da vida, se constituíram de maneira formadora, trazendo a intensidade de um processo muito pessoal marcado por seu sentido coletivo (ibid.). Encontramos, assim, nessa abordagem, o trabalho com as histórias de vida que enfatiza os percursos formativos, a compreensão e análise biográfica desse processo vital: a construção do conhecimento, engendrando transformações pessoais e coletivas nos sujeitos. É no movimento dialético entre passado, presente e futuro que os sujeitos se apropriam da vida como processo formativo e tomam a responsabilidade pela atribuição de sentido e pela ressignificação da trajetória pessoal/profissional. A biografia educativa não coloca, nesse sentido, ênfase no resultado material do processo, ou seja, no texto escrito, mas no movimento reflexivo. Toma como referência a centralidade temporal, potencializadora do presente e do futuro e, assim, transforma a rememoração em formação (Domincé, 2000).

A escrita da biografia desafiou o grupo, produziu estranhamentos iniciais, mas pouco em pouco foi mobilizando cada uma. Um(a)s afirmaram que não conseguiam lembrar-se de fatos significativos; outras, que as lembranças eram abundantes e que tinham muito para escrever; e, ainda, outras afirmaram que as memórias traziam grande sofrimento. A experiência narrativa foi se dando de diferentes formas, com diferentes intensidades.

No último dia de aula do semestre fomos mobilizadas pela socialização coletiva de um fragmento da biografia educativa, por meio da dinâmica “Colcha de Retalhos”, que teve como objetivo favorecer, por meio de expressão artística e estética, a narrativa de experiências formadoras da biografia educativa, como caminho de reflexão sobre o processo formativo ao longo da trajetória de vida, bem como enquanto possibilidade de análise dessa perspectiva teórico-metodológica em contextos de formação de professores/as. Inicialmente, assistimos e refletimos sobre o filme *Colcha de Retalhos*^{viii} e, então, cada uma foi convidada a retomar, reflexivamente, sua trajetória de vida, destacando, de sua biografia, uma experiência formadora. A seguir, cada uma reconstruiu essa experiência por meio de desenho e/ou recorte e colagem, em uma folha de papel ofício e, assim, cada fragmento constituiu um “retalho da colcha” que foi montada posteriormente. No dia agendado, cada uma trouxe um retalho representativo de um acontecimento de sua trajetória de vida e formação, foram narrando suas histórias e tecendo a colcha^{ix}.

Vivemos um momento muito intenso, o grupo se sentiu próximo e, na intimidade da sala de aula, ouvimos relatos fortes e tristes, outros suaves e alegres, rimos e choramos; choramos muito. Passamos do tempo previsto, não tinha cronograma, nem planejamento que pudesse limitar a experiência vivida.

Quais os limites podem/devem ser colocados no desenvolvimento de práticas autobiográficas de formação? Concordando com Christine Abels (1998), procuramos a boa proximidade e não a boa distância, entendemos que não há isenção, mas compromisso com e entre pessoas e no desenvolvimento de uma abordagem de investigação rigorosa do ponto de vista deontológico e metodológico. Em recente revisão de literatura sobre a pesquisa autobiográfica encontramos, de forma recorrente, a preocupação dos autores em afirmar que o desenvolvimento da investigação-formação, nesse campo, não se confunde com terapia de grupo. Os objetivos da biografia educativa são pedagógicos, entretanto, o falar sobre a vida e suas tramas, leva o sujeito a uma reflexão sobre si e sobre o mundo que é potencialmente formadora, transformadora (Bragança, 2008).

No *terceiro encontro* de pesquisa-formação, realizado já no segundo semestre de 2009, retomamos a força dessa experiência coletiva vivida pelo grupo. Na avaliação das alunas, houve uma

mudança significativa da turma, os pequenos grupos se uniram, sentiram o adensamento de uma rede de empatia e cumplicidade. A força das histórias e das narrativas possibilitou conhecimento mútuo, uma nova leitura e abertura para compreensão do outro. A profundidade das histórias narradas produziu um pacto não verbal de confiança entre elas, gerou um clima de confiança e de partilha em que as histórias se complementavam, uma puxava a outra na tessitura dos fios da colcha.

A proposta da dinâmica foi a narrativa de acontecimentos biográficos de formação e questionamos: *por que muitas foram buscar fatos tão pessoais?* Observamos que a formação apresenta-se como uma “tessitura de intrigas” (Bragança, 2009). Sua inteligibilidade se coloca na conjugação indissociável entre dinâmicas pessoais, acadêmicas e profissionais; nesse sentido, falar da vida favorece/potencializa a ressignificação da formação.

Nesse encontro retomamos, também, a análise das biografias educativas em seus movimentos mais amplos, ou seja, fomos apresentando para o grupo referências recorrentes e outras singulares dos textos escritos. Terminamos com a dinâmica “batismo mineiro”: em círculo cada uma foi falando seu nome, uma palavra ou expressão que indicasse os sentimentos em relação ao Curso e fazendo também um gesto que simbolizasse esse sentimento; depois da apresentação de cada uma o grupo repetia o nome, a palavra e o gesto. Buscando, assim, dar visibilidade à articulação indissociável entre corpo, sentimento e cognição. A proposta fez aflorar palavras positivas, indicando um momento de bem-estar e de encontro com o Curso de Pedagogia muito diferente da avaliação desenvolvida no segundo encontro, quando a turma, espontaneamente, revelou um forte sentimento de insatisfação e de crítica ao Curso.

Na dinâmica, a estudante Rosângela Azevedo (2009, p. 1) destacou a palavra “crescimento”, apresentado, posteriormente, a seguinte reflexão escrita:

Ao resumir em uma palavra o que o Curso de Pedagogia tem sido para mim não encontrei palavra melhor do que “crescimento”, pois posso enxergar claramente o evoluir de uma trajetória que não terminou e não vai terminar, porque está sempre em “crescimento”. É maravilhoso fazer parte de um grupo de pesquisa na graduação, pois abre caminhos e possibilidades de uma formação melhor, além de nos possibilitar a rica convivência com a professora, colegas de curso e com temáticas, que nos interessam e que podem servir como campos de estudo numa futura pós-graduação (crescimento). Por isso, identifico-me com a palavra “crescimento”. Cada dia cresce um pouco mais e sinto-me segura em decisões que preciso tomar diante dos meus educandos e dos responsáveis por eles.

Na análise encontramos a força de um processo de formação que faz crescer, que produz mudanças e que aponta para desejos de futuro de continuidade dos estudos na pós-graduação. Nas palavras citadas e representadas em gestos pelo grupo, observamos, também, o “abraçar” do Curso de Pedagogia pelas alunas e uma dimensão de *realização pessoal* que envolve *sucesso, felicidade, otimismo, paz, emoção e sonho*, uma dimensão acadêmica que fala de *conhecimento, desafio, crescimento e sabedoria* e, também, a dimensão do “não saber” que muito espontaneamente indica o ainda não pensado, não refletido.

Temos, assim, dos encontros realizados, indícios de movimentos dialéticos de formação, a tensão entre o falado, lido e o vivido no dia-a-dia da graduação. A tensão entre os acontecimentos do curso e a experiência singular de formação.

Além dos encontros coletivos, avançamos na realização de entrevistas biográficas com as participantes do grupo. Escolhemos duas alunas que já atuam como professoras: a primeira não fez Curso Normal e iniciou a trajetória como professora em 2009, cursando o terceiro período de Pedagogia, e a segunda que ao entrar no Curso já tinha muitos anos de prática como professora e coordenadora.

Alguns indícios e sinais

A pesquisa ainda caminha, mas podemos levantar alguns indícios para reflexão. O primeiro encontro com a turma se deu no primeiro semestre de 2008 e se seguiram ainda mais dois semestres de trabalho. Mas a leitura das biografias educativas favoreceu uma aproximação muito mais efetiva da turma e de cada uma – possibilitou adentrar no universo material e simbólico da vida. Lembramos do filme “Escritores da Liberdade”^x, especialmente do momento quando a professora abre o armário, se surpreende com uma pilha de diários e, ao ler a história de seus alunos(as), se aproxima deles, abre canais para um diálogo mais próximo, efetivo e intenso. Por outro lado, os (as) alunos (as), ao escreverem suas histórias, refletem e se transformam.

O levantamento do perfil, realizado na primeira etapa desta pesquisa, indicou um grupo que vem das camadas populares da sociedade e que, em muitos casos, representa a primeira geração da família que tem possibilidade de acesso ao Ensino Superior. As biografias educativas e a tessitura coletiva da colcha de retalhos nos fizeram adentrar nesse contexto: famílias com grandes dificuldades financeiras; muitos que foram excluídos das escolas, mas que acreditam na educação como caminho de ascensão social e, assim,

fazem todo esforço para manter os filhos; e, em alguns casos, oportunizar que estudem em escolas privadas, mesmo que de pequeno porte, por considerarem que ali encontrarão melhores possibilidades de formação. Nesse sentido, a chegada ao ensino superior, para muitas alunas que compõem o grupo, representa uma grande conquista familiar e pessoal. Consiste na realização de um sonho, especialmente para as alunas com mais idade que tiveram que esperar, em alguns casos, muito tempo para viver esse momento.

Lembro que, no primeiro dia de aula com a turma, em 2008, na fala inicial de apresentação, ficou muito claro o sentido de marco simbólico, de conquista representada pelo ingresso na Universidade. Nas biografias encontramos a centralidade da família no incentivo do processo de escolarização, como a história de uma avó alfabetizadora e de uma mãe que volta a estudar para acompanhar e orientar os filhos nas tarefas escolares.

As biografias educativas trouxeram diferentes formas de narrar, umas fizeram recortes temáticos, mas a maioria desenvolveu a narrativa a partir de uma temporalidade abrangente, iniciando na infância e indo até o ingresso no Curso de Pedagogia. Observa-se, também, diferentes níveis de profundidade no processo narrativo, de doação à escrita. Para muitas, a escrita favoreceu um movimento reflexivo sobre a memória e sobre a vida.

Nas narrativas observamos o entrelaçamento de memórias polifônicas da vida, da formação acadêmica e das experiências profissionais. As histórias e vivências muito difíceis em família se articulam à presença marcante de pessoas no processo de formação pessoal e escolar: a avó, a mãe, o pai. A infância aparece como um tempo significativo de experiências formadoras. Algumas citam histórias de leitura e a centralidade de experiências religiosas.

Nas narrativas encontramos diferentes imagens da escola. Para duas alunas mais velhas, a memória da repressão e dos castigos físicos; para outras, lembranças de brincadeiras e amizades. Algumas relatam que, por dificuldades financeiras da família, precisaram mudar de escola particular para pública e essa mudança gerou grandes impactos de adaptação.

Das biografias educativas analisadas, seis alunas realizaram o Curso Normal no Instituto de Educação Clelia Nanci, dando destaque como uma etapa importante da formação acadêmica, ressaltando, especialmente, a realização do estágio como momento de encontro com a docência. O ingresso na graduação em Pedagogia apresenta-se como acontecimento biográfico fundamental – para muitas, um sonho adiado, mas realizado. Para três alunas, foram perdas traumáticas na família que as levaram a buscar a continuidade dos estudos enquanto possibilidade de realimentar os sonhos e os projetos da própria existência.

A dinâmica “*Memórias e Imagens*”, realizada no primeiro encontro de pesquisa formação, favoreceu o aflorar de algumas dessas histórias de encontro com a Pedagogia: imagens como uma mesa posta para o jantar; meninas dançando; uma sala de aula; flores e praia como metáforas-símbolo de um processo de aproximação, de desejos e de prazer, que envolvem o conhecimento e a relação entre a vida e a docência. E, com a fala das alunas, concluímos essa etapa de reflexão abrindo caminho para a continuidade do trabalho.

Analisando a cena das meninas dançando pude observar que para a realização de tal tarefa é preciso leveza, coordenação, disciplina, disposição... Prazer de estar fazendo o que se gosta...

Minha Maricá
Aqui tudo faz sentido
O amor, o calor
A energia do sol
A onda que desliza na areia.
Faz sentido a vida
Faz sentido a minha profissão
Quantas crianças correndo
Já segurei pela mão...

Alimentos lembram cores, formas, cheiros... podemos fazer muitas misturas, transformando os sabores...

A decisão de cursar Pedagogia não foi muito difícil para mim, foi demorada, na verdade porque após dezenove anos sem estudar, voltar à sala de aula como estudante parecia ser um tanto ou quanto complicado. Mas como sempre fui professora e pretendo ser por um longo período da minha vida... sala de aula sempre fez parte do meu cotidiano.

... educar é cuidar com carinho, dedicação e paciência...

Referências Bibliográficas

ABELS, Christine. L'accompagnement de l'enfant placé dans son travail d'histoire de vie. In : PINEAU, G. (Org.). *Accompagnements et Histoire de Vie*. Paris : L'Harmattan, 1998.

ANFOPE. *Documento final do X Encontro Nacional*. Brasília, 2000.

AZEVEDO, Rosângela. *Reflexão*. São Gonçalo: Universidade Estácio de Sá, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Foi registrado dentro de uma citação na p. 2).

BRAGANÇA, Inês F. S. *Pensando a formação de professores/as-pedagogos/as no Brasil: quando a memória e a narração atravessam a formação docente*. Comunicação apresentada no III Seminário Nacional: Educação e Poder. Niterói: Universidade Federal Fluminense/UFF, 2003.

BRAGANÇA, Inês F. S. *Histórias de Vida e Formação de Professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional*. In: SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.). *Histórias de Vida e Formação de Professores*. Rio de Janeiro: Quartet/ FAPERJ, 2008.

BRAGANÇA, Inês F. S. *Histórias de vida e formação de professores/as: diálogos entre Brasil e Portugal*. Évora, Portugal, Tese de Doutorado, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 1996.

BRASIL. Parecer nº. CNE/CP Nº. 5/2005, de 13 de dezembro de 2005.

BRASIL. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº. 1, de 15 de maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasil.

Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcpo1_06.pdf. Acesso em: fevereiro de 2007.

DOMINICÉ, Pierre. *Learning from Our Lives: using Educational Biographies with Adults*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

JOSSO, Marie-Christine. *Cheminer vers soi*. Suisse: Editions l'Age d'Homme, 1991.

PAZ, Eliana; MENDES, Antonia Maria. *Relatório de Pesquisa*. São Gonçalo: Universidade Estácio de Sá, 2008.

PERGAMENI, Flávia; TRACERA, Lidiane. *Relatório de Pesquisa*. São Gonçalo: Universidade Estácio de Sá, 2008

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

TANURI, Leonor Maria. *História da Formação de Professores*. *Revista Brasileira de Educação*, 14, p. 61-88, 2000.

NOTAS

ⁱ Fragmento do livro da vida. “Tomo emprestada a expressão “Livro da Vida” do educador francês Célestin Freinet (1896-1966), que desenvolveu, com os alunos, a proposta de um registro diário das experiências da sala de aula e da vida - um registro marcado pela liberdade de expressão que incluía texto, pintura e desenho. Assim, o termo “Livro da Vida”, como parte integrante da presente pesquisa, busca trazer a intensidade dos caminhos percorridos ao longo do processo. É “livro”, pois propõe o registro das “idas e vindas” e, apesar de intrinsecamente ligado a todo movimento da pesquisa, apresenta uma certa independência do formalismo acadêmico: não se coloca como capítulo ou item constitutivo da tese, mas como espaço de auto-reflexão sobre a pesquisa. Sua proposta é o relato, a narrativa e, nesse sentido, é mesmo “da vida”, traz a densidade de pulsações que vão se apresentando em diferentes dimensões, entrelaçando visões e emoções de cada momento/ciclo desse processo” (BRAGANÇA, 2009).

ⁱⁱ A noção de origem, em Walter Benjamin, serve de base a uma historiografia regida por uma outra temporalidade que não a de uma causalidade linear, exterior ao evento. A origem como um salto para fora da sucessão cronológica. Pelo seu surgir, a origem quebra a linha do tempo, opera cortes no discurso nivelador da historiografia tradicional (GAGNEBIN, 1994).

ⁱⁱⁱ Tendo como referência a abordagem de investigação-formação, os Seminários de História de Vida e Formação consistem no trabalho com um grupo de formação no qual os participantes narram, de forma oral e escrita, suas histórias na presença dos outros participantes.

^{iv} Dos questionários entregues, no 1º e 2º semestres de 2008, tivemos retorno de trinta e um (31) do Campus São Gonçalo e sessenta e oito (68) de Niterói, totalizando noventa e nove (99) questionários.

^v Dezoito por cento não responderam.

^{vi} Tendo como referência a abordagem de investigação-formação, os Seminários de História de Vida e Formação consistem no trabalho com um grupo de formação, no qual os participantes narram, de forma oral e escrita, suas histórias na presença dos outros participantes.

^{vii} O grupo participou da pesquisa de levantamento do perfil. No segundo semestre, continuamos juntas em Filosofia da Educação Brasileira e, no primeiro semestre de 2009, trabalhamos juntas em Pesquisa e Prática em Educação II (PPE II).

^{viii} Direção Jocelyn Moorhouse.

^{ix} As participantes foram contando suas experiências e colando seu retalho em um TNT que foi o suporte para a colcha de retalhos do grupo.

^{ix} Direção Richard LaGravenese.